

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA — Telefone 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira... 8500
... 10 —Para outras localidades. 9500

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

AVENÇA

Bernardo de Passos

A OBRA de Bernardo de Passos, de verdadeiro apóstolo, de indefectível evangelizador do Bem, é o melhor espelho da sua alma. Em toda ela se nota uma progressiva ascensão para o mesmo ideal de Beleza e Bondade.

«Não é o amor toda a verdade da criação? Não é o amor, na Natureza, a âncora santa que eternamente em tudo reza, murmura e canta?»

—pergunta Bernardo de Passos, nas suas belas estrofes de «A Arvore e o Ninho», a encantadora obra-prima da sua tornura lírica.

Sim, o amor, filho da Beleza, e a Bondade, fonte da nobreza de sentimentos, nortearam sempre a sua alma.

Como um Bom, em toda a acepção da palavra, e como um grande e verdadeiro Artista, o devemos por isso hoje evocar.

A sua gloria é, por assim dizer, a verdadeira projecção, no tempo e no espaço, das inegáveis virtudes da sua alma.

Convirá eternizá-la em Monumento?

Julgo que sim. E não faltarei na hora precisa, com a minha modesta contribuição.

MATEUS MORENO

Não chores, que não tem jeito!

Teu coração inda bate, numa dor que eu não respeito... Por quem morreu em combate não chores, que não tem jeito!...

Com saudade ou sem saudade, teu Sino toca a rebate. Não mintas, porque, em verdade, teu coração inda bate...

Perto de ti, ando longe presa num Sonho desfeito... vejo-te em cela de monge numa dor que eu não respeito.

Descri da vida, estou fria... é hora do teu resgate. Deus roubou a Fantasia de quem morreu em combate.

Deita fora os sonhos vão, mortos há muito em meu peito...

Se apenas fomos irmãos não chores, que não tem jeito!...

Leiria, 1950 JULIETA FATAL

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

OS PAINEIS, CHAMADOS "de S. Vicente"

Por MANUEL DOS SANTOS CABANAS

A leitura do artigo — «O Retrato do Infante — nos Painéis de Nuno Gonçalves», da auctoria do sr. Luís Bonifácio, inserto no N.º 821, deste jornal, de 2 de Abril, sugeriu-me algumas considerações acerca do celebre Políptico, que apesar de muito discutido, não serão, em todo o caso, ociosas nem inoportunas.

Não pretendo, de modo algum, contestar as proposições do sr. Luís Bonifácio, que aliás constituem a opinião geral, há muito formulada e aceite, sobre o assunto. Desejo, apenas, esclarecer modestamente, e de uma forma tão clara quanto me permitir a minha insignificante cultura artística, o que penso acerca dos Painéis chamados «de S. Vicente», no que respeita à disposição a dar-lhe na sua colocação e muito especialmente sobre a identificação de alguns personagens do «Painel do Infante», em que discordo absolutamente.

Desenhei já, por duas vezes, os painéis, independentemente de umas gravuras que tenho feito de um ou outro pormenor.

A primeira, com a dimensão de 0,30 x 0,80, os quais gravei em madeira. Encontram-se num Mu-

Ficou-me desta tarefa excepcional, que venho realizando há meses, com uma paciência beneditina, uma concepção dos Painéis chamados «de S. Vicente», diferente da defendida pelo sr. Luís Bonifácio.

Venho, pois, expô-la com o maior desvanecimento.

Os painéis constituem dois trípticos, ou apenas um políptico?

Em minha opinião, eles consti-



PAINEL DA RELÍQUIA

Gravura em madeira de M. Cabanas

tuem apenas um políptico, pois reúnem em si, um só assunto.

Que razões tenho para o afirmar?

Primeira: Porque, sendo os painéis constituídos por seis tábuas, têm apenas uma assinatura.

Segunda: Porque, colocados uns ao lado dos outros pela seguinte ordem: Painel dos Frades; Painel dos Pescadores; Painel do Infante; Painel do Arcebispo; Painel dos Cavaleiros e Painel da Relíquia, se verifica, pelas linhas do soalho, que a perspectiva está rigorosamente certa e que a harmonia do conjunto é absoluta.

Terceira: porque, observados ainda pela mesma ordem de colocação, se verifica que tanto as figuras das tábuas do lado direito como as do lado esquerdo estão voltadas para o centro da composição e os seus olhares convergem igualmente para o mesmo ponto.

Quarto: Porque, desde o centro da composição até ao extremo esquerdo, todas as figuras do fundo vestem, como o Infante D. Henrique, trajes de homens de ciência, o que deve simbolizar os estudos, preparatórios dos descobrimentos, que mais tarde se realizaram. Igual-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)



PAINEL DOS FRADES

Gravura em madeira de M. Cabanas

seu Suíço, para onde foram adquiridos;

A segunda, com a dimensão de 0,50 x 1,20, que presentemente estou gravando.

Fui forçado, por esta razão, a estudar a composição, expressões, indumentárias, objectos e os mais pequenos pormenores e detalhes de figura por figura, procurando cuidadosamente interpretar o que cada uma representa no conjunto.

VITALIDADE

A acção que se desenvolve nas terras do nosso Ultramar é de molde a merecer os mais lisongeiros comentários de entidades responsáveis nacionais e estrangeiras. Na realidade, vive-se uma época de intenso progresso económico, não faltando para isso, sem o capital necessário, nem os técnicos nacionais competentes que trabalham arduamente sob a superior orientação governativa.

As actividades controladas no sentido da sua maior eficiência e na defesa dos capitais investidos são a característica do movimento progressivo do nosso Império, sem que este facto deixe ao abandono toda a iniciativa particular quando ela vive no campo das realidades e não é motivo de desperdício de tempo e de dinheiro.

Para fomentar essas mesmas iniciativas, na fase presente da nossa acção civilizadora, para que a melhor exploração do solo e do sub-solo encontre o ambiente necessário à sua valorização, tem o Governo empenhado a sua directriz na facilidade de meios de comunicação que são causa essencial desse mesmo progresso que se verifica e factor indispensável para o fomento da riqueza imperial.

Sob este aspecto das comunicações, podemos afirmar que nunca se fez tanto em tão pouco tempo. Todas as vias de comunicação merecem cuidados especiais e continuam a ser o fulcro da actividade económica, conjugando-se as de movimento interno com as de movimento externo e destacando-se entre estas a renovação da nossa marinha mercante, servida por portos bem apetrechados como os de Lobito e de Luanda, como os da Beira e de Lourenço Marques e muitos outros.

E a acção continua, como expressão da nossa vitalidade, como preocupação dominante da valorização do nosso património ultramarino.

Assim, e objectivamente, podemos notar que no corrente ano, só em Angola e além das verbas do seu orçamento ordinário para melhoramento, conservação e ampliação das suas vias de comunicação, o Fundo do Fomento da mesma Província destina a este capítulo das comunicações a importante verba de 311.285.560\$. Dela se destacam mais de 22 mil contos para o caminho de ferro de Moçamedes e mais de 51 mil

contos para outro caminho de ferro com que a Colónia vai ampliar a sua rede ferroviária — o do Caxito.

Ao mesmo tempo, nota-se a preocupação do melhor apetrechamento dos portos, destinando-se mais de 26 mil contos para os de Luanda e do Lobito.

Para aeródromos, consignar-se-á uma verba superior a 8 mil contos e destina-se à rede rádio-telefónicas e centrais telefónicas a elevada verba de 358.237.000. A ponte-cais de Lândana será construída e será feito o estudo dos restantes portos de Angola. Automotoras modernas passarão a circular no caminho de ferro de Luanda-Malange e tudo isto reflecte uma actividade progressiva que dá às terras do Ultramar português novas fontes de riqueza no seu melhor aproveitamento para a economia nacional e para bem da Humanidade.

E. P.

Por esse Mundo fora...

No debate sobre o orçamento britânico na Câmara dos Comuns, Churchill, chefe da opposição conservadora atacou Crips, ministro do Tesouro acusando-o de não conceder nenhuma ajuda no seu orçamento aos operários mais mal pagos, ao que Crips respondeu, classificando o «leader» da opposição de «profeta de mau agouro que procura assustar as pessoas».

O Parlamento da Jordânia reuniu-se pela primeira vez com os representantes da palestina árabe e aprovou a união dos dois países, união que ficou decidida numa sessão da Liga Árabe, realizada em Beirute em Abril de 1949, com a assistência do Egipto, Líbano, Síria e Iraque. O novo reino chama-se Reino Aquemista do Jordão e o soberano é Abdula Ibn Hussein.

Videla presidente da República chilena dirigiu um apelo ao Mundo para que se faça um último esforço para persuadir a Rússia de que é necessário um sistema universal de segurança e advogou três condições mínimas de paz: imediata dissolução do Cominform, criação de uma força militar armada internacional ao serviço da Organização das Nações Unidas e abolição das armas atómicas.

Apenas por cinco votos os conservadores perderam a votação da sua moção nos Comuns acerca do orçamento britânico. Se a votação fosse ganha pelos conservadores, o Governo ver-se-ia obrigado a demitir-se e realizar-se-iam eleições gerais. A vitória trabalhista foi devida a grandes sacrifícios, pois alguns deputados trabalhistas, embora doentes, compareceram para dar a maioria ao Governo.

O Chefe do Estado húngaro demitiu-se com o fundamento de que se encontra doente. Arpad Szakasits, que ocupava o lugar desde 1948 e acerca do qual nunca foi fornecido qualquer boletim médico, foi substituído pelo actual ministro do Comércio Externo, Sandor Ronai. Como é hábito nos países «para além da cortina de

«A Virgem de Fátima»

Santos Cravina acaba de dar á estampa mais um interessante volume de poesias, intitulado «A Virgem de Fátima».

O poeta mostra-nos através dos seus versos a sua alma vibrante perene de religiosidade.

Profundamente cristão, Santos Cravina apresenta-se em «A Virgem de Fátima» mais elevado, mostra-nos os seus poemas com mais verbosidade.

Felicitemos o seu autor e recomendamos a obra a todos aqueles que apreciam a poesia de fino conceito religioso.

Santos Cravina está em plena actividade literária; pois, num curto espaço de tempo, tem produzido vários livros de poesias, que têm justamente merecido os elogios da crítica.

Nos seus arroubos, o autor do «Penedo da Saudade» é sentimental e artista, sabendo exprimir o belo em canto altissonante.

Sobrevoando o Santuário de Fátima

— POR LUÍS RIBEIRO —

ERAM nove horas da manhã do dia treze de Maio deste ano de graça de 1949.

Logo que cheguei ao aeroporto, fizeram-me lembrar que estávamos em uma sexta-feira e dia treze. A pior das suposições!

Breve se ouviu o roncar dos motores para experiência, alterando as rotações crescente e decrescente para relacionar os defeitos.

Tudo pronto — disse o mecânico, dando por concluídas as provas examinatórias. A tripulação toma lugar nos respectivos assentos, fecha-se a porta que nos liga à terra.

São nove horas e vinte cinco minutos. O nosso bi-motor começa a mover-se pelas pistas, percorrendo a placa de estacionamento. A torre de control do nosso aeroporto responde às nossas perguntas.

Instruções para rolagem e descolagem.

Talvez uma dezena de aviões dos mais variados tipos e feitios, uns elegantes como os «Constellations», os «Sky-Master», ou como o bizarro e achatado «Avro-York», estão estacionados aguardando horas de partida.

Recebida da torre a direcção do vento, temperatura atmosférica e a pista de descolagem, que desta vez é 36 para Norte, para ela nos dirigimos, acelerando os motores.

Já com a posição de descolagem, o telegrafista de novo entra em contacto com a torre de Portela e pede autorização para descolar. E' lhe dada, bem como a hora da partida. O piloto prime as manetes aceleradoras com mais força e os hélices giram mais rápidos. Corremos pela pista fora e a cauda já se eleva, ascende a alguns pés de altitude e, progressivamente, deixamos o aeroporto para trás e para baixo.

Seguimos rumo ao Norte, pela agulha padrão. Desviamos-nos um pouco para Sul e de novo para Norte. Sobrevoamos já o Tejo, que se espreguiça pelas campinas, correndo lento para o mar.

Passam com rapidez as várias vilas que sobrevoamos. Vê-se a ponte do Setil, lá muito ao longe. Estamos a 3.200 pés (1000 metros). Tudo parece pequeno e engraçado. Uma ligeira neblina nos dificulta a visibilidade para mais longe. Vê-se a ponte de Almeirim e, pela esquerda, Santarém e as Portas do Sol no Castelo.

Damos neste momento para terra a nossa posição e altitude.

Tudo decorreu normalmente. Só os motores cantam a sua melodia numa voz roncosa. Sente-se a brisa que fustiga as asas prateadas do nosso aparelho.

Pequenas sacudidelas fazem balançar com violência o estranho pássaro de alumínio. Flocos de nuvens passam rápidas. Logo a seguir, subimos para 2.000 metros para sobrevoarmos uma camada de nuvens que nos dá a ideia de um mar de algodão.

O sol bate em cheio, fazendo rebrilhar as asas de prata do nosso transporte aéreo.

Sinto vontade de qualquer coisa para mim icógnita, impos-

ferro», os meios oficiais recusam-se a fazer quaisquer declarações.

Frederico Juliot Curie, Alto Comissário francês para a Energia Atómica, foi demitido por decisão do Conselho Ministros, baseada nas conhecidas actividades pró comunistas. Ultimamente Juliot Curie concordara em que os cientistas comunistas nunca utilizariam os seus conhecimentos numa guerra contra a Rússia. Também foi demitido da Comissão Nacional de Investigações Científicas.

IMPARCIAL

sível. Penso e parece-me que ouço numa voz admirável os cânticos da Ave-Maria. Neste sonho belo, a cerca de 2.000 metros de altitude, ouço os cânticos de todas as igrejas, repicando ao milagre, enquanto os fiéis oram.

Viramos para N E e seguimos o caminho directo do Santuário de Fátima.

Ao avistarmos Leiria, desce-mos para mil metros, avistando agora o trânsito ao longo das estradas.

Em automóveis, bicicletas, caminhetas e mesmo a pé, é que todos aqueles peregrinos se deslocam de suas casas em sacrifício santo à Cova de Iria, local onde há 26 anos apareceu a Senhora de Fátima aos pastorinhos.

Em volta, só serra e penhascos. Caminhos tortuosos em todos os sentidos. O trânsito é tão intenso que dificilmente se pode calcular a verdadeira avalanche de veículos de todos os tipos que se lançam religiosamente onde em milagre surgiu pela primeira vez a santa suprema da nossa Igreja.

Temos na nossa proa o Santuário com uma torre sineira, que se ergue majestosa da sua imponentia sobre o frontão desta igreja de linhas belas e esguias. O átrio é enorme, bem como o largo onde se encontram os fiéis e peregrinos que devotamente se arrastaram até ali, para fazer pagar as mais variadas promessas, que, num momento supremo, fizeram.

Mais aviões sobrevoam o local. Trezentos metros é a nossa altitude. Descrevendo círculos enormes, observamos a missa campal que se oficia lá muito em baixo. As camas dos docentes peregrinos estão alinhadas no primeiro plano.

Tenho a impressão que chegam até mim os cânticos sacros da multidão que ali se postrou em santas preces. São de todas as cores os trajés que se alinham num sentimento único e crente nessa imagem magnetizante e fascinadora, que representa hoje uma das figuras mais sagradas da História da Religião.

Milhares de automóveis multicores estacionam num parque próprio. Recordam-me com saudade os tempos em que, pela mão de meu Pai, percorrendo todas as tendas da feira, me extasiava com os minúsculos automóveis que estavam para vender sobre o balcão.

Sinto-me comovido com o espectáculo a que assisto dum janela minúscula e envidraçada, junto ao emissor com que trabalho. Meto mais a cabeça e sinto trepidar o vidro. Vêjo toda essa gente que confia nos milagres da Virgem. Enorme quantidade de cabeças, formando uma massa compacta, fervorando num sentimento de fé.

Lá estão camas e macas na primeira fila, naquela missa campal que me ficará na memória para sempre.

Toda aquela massa humana se comprime para ver a Imagem, que a abençoa.

Tenho, por vezes, a impressão que vencendo os ruídos dos motores, chega até mim, atirada por milhares de vozes para o Céu, a música do sacro hino à Virgem.

Um nó tolha-me a garganta, enquanto rabisco uns apontamentos leves.

Em volta, a serra salpicada de algumas raras hortas, cujo verde alegre dá uma nota diferente ao cenário geral.

Sinto pena não poder aterrar para assistir de perto aos ofícios da Santa Missa.

Outras voltas sobre o local, e iniciamos a viagem de regresso.

Annúncio do «Povo Algarvio»

PELA CIDADE

Indústria Tavirense—O sr. João Basílio Correia, proprietário da Fábrica de Refrigerantes, desta cidade, acaba de lançar no mercado uma excelente laranjada, denominada «Sumoranja». Trata-se de um magnífico refrigerante, que rivaliza com os melhores similares, feito com água bacteriológicamente pura.

A «Sumoranja» é um produto que acaba de ser lançado no mercado e certamente vai ter a aceitação do público. Está de parabéns a indústria tavirense e o sr. João Basílio Correia a quem desejamos óptimos negócios.

Clube Recreativo Tavirense — Conforme noticiámos o Clube Recreativo Tavirense festejou no passado domingo o seu 30.º aniversário, que se iniciou com uma sessão solene, presidida pelo sr. Dr. Eduardo Mansinho.

A Direcção aproveitou a oportunidade para fazer entrega dos diplomas de sócios honorários, os quais foram conferidos a Mle. Maria das Dores Marum e ao sr. Jorge Lopes Chagas, pela sua actuação no Grupo Cénico.

Os referidos diplomas foram entregues pela sr.ª D. Alzira do N. Dias.

Fizeram uso da palavra os srs. Dr. Eduardo Mansinho, presidente da Assembleia Geral, Sebastião da Luz, presidente da Direcção, e Jorge Chagas.

A sessão abriu e encerrou com o hino da sociedade, que foi entoado pelo Grupo Coral.

A seguir, iniciou-se um grandioso baile, abrihantado por uma excelente orquestra de Jazz, que durou até de madrugada.

Mês de Maria—No dia 1 do corrente, iniciaram-se na igreja de S. Tiago, desta cidade, as solenidades do mês de Maria.

Santa Casa da Misericórdia de Tavira—Serviços Clínicos durante o mês de Maio.

Enfermarias: Srs. Drs. Gonçalo Pessanha e Ramos Passos.

Consulta Externa: De 1 a 15 — Sr. Dr. Gonçalo Pessanha, das 17 às 18 horas.

De 16 a 31 — Sr. Dr. Ramos Passos, das 17 às 18 horas.

Cirurgia Geral: Consultas em 13 e 27 — Srs. Drs. Fausto Cansado e Renato Graça.

Oftalmologia: Consultas em 14 — Sr. Dr. May Viana.

Profilaxia Mental: Consultas em 24 — Sr. Dr. Manuel da Silva, das 9 às 12 horas.

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aldomiro de Sousa.

Teatro António Pinheiro—Espectáculos da Semana.

Hoje, ás 21,30 horas, apresenta um filme musical que se destaca pela categoria do seu realizador, pelo luxo e grandiosidade do ambiente, pelo assunto do argumento e pela sua lindíssima música: Paul Horbiger, *Cantores de Viena*, com Marthe Harrell, Hans Moser e Hans Holt.

A vida do conhecido Quarteto «Schrammln» o executor da verdadeira e encantadora música de Viena. Uma super-produção, em que o principal papel pela primeira vez em cinema pertence à música! Um dos mais absorventes filmes do ano! Um filme que a crítica considerou como uma obra primal. E' um filme encantador, de grande e luxuosa apresentação, com música deliciosa. O seu entrecho está recheado de alegria, de graça, e faz-nos reviver, embora com todos os progressos da técnica cinematográfica, aqueles aplaudidos filmes musicais que ficaram na memória de todos, tais como «A Caminho do Paraíso», «Congresso que Dança» e muitos outros. Um filme dum efeito surpreendente!

Brevemente: *Sol e Touros*, com Manuel dos Santos.

Cartas de Portugal (15)

«MULHERES, SOL E TOIROS»

DE ANTERO NOBRE

(Continuação do número 824)

...A vila regorgita de forasteiros, vindos de perto e de longe, nos mais variados meios de transporte, e a população local, sem distinção de sexos, condições ou idades, veio toda para a rua, num ar e num regozijo de festa grande; do velho campo da Feira à Praça de Toiros, sobretudo no Largo da Estação e na Rua Serpa Pinto, há um mar rumoroso de gente, que se apinha atrás das tranqueiras, nos portais, nas janelas, em cima dos veículos que ficaram presos pela multidão nas embocaduras das ruas e até em cima dos telhados: mancha policroma no variado e na garridice dos trajos femininos, que um Sol esplendoroso realça maravilhosamente, e na diversidade dos tipos masculinos, que representam todos os misteres e quasi todas as províncias de Portugal. As filarmónicas atiram para o ar os acordes gritantes dos seus mais castiços «passe-dobles», estrealam foguetes e morteiros e, de quando em quando, passam altivos, nas suas «facas» caracolantes e pitorescamente ajazeadas, os típicos campinos, de barrete verde, colete encarnado e meia branca, a vara em riste, prontos para a festa que vai começar; e, na tarde solheira, há aplausos quentes da parte dos espectadores, que admiram o garbo e conhecem e sentem a bravura desses velhos heróis das campinas ribatejanas. Os «cidadãos das lezírias», como um dia lhes chamou Pepe Luis, começam pouco depois a aparecer nas ruas da vila e entram de rompante no Largo da Estação, que nestas andanças faz sempre de «redondel» para toureiros improvisados; e porque imediatamente estes surgem nos desafios e incitamentos ruidosos do público, e na sua fuga desordenada e assustada, quando os desafiados aceitam o reptó e investem a «limpar a feira». E então a festa atinge o auge, proporcionando situações de um cómico inexcédível e irresistível, a que o medo ou o instinto de conservação arrasta os aparentemente mais destemidos, provocando o gáudio na assistência — ai! como aquele improvisado bandarilheiro, que há pouco saltou a tranqueira com um saleroso «olé!», subiu agora pelo candeeiro da iluminação pública, ansiosamente e em menos de um segundo, mal o toiro... lhe olhou! e aquela jovem émula da Conchita Citroen, que agitava entusiasticamente um casaco vermelho por cima da tranqueira, corre agora, aos gritos, assustada, para um portal, largando o casaco na fuga, só porque o «matuto» parou na sua frente, como que pasmado do desplante!... e também por vezes a situações de verdadeira valentia ou mesmo a demonstrações de verdadeira arte, como aquelas em que, há pouco, um jovem vilafranquense salvou um improvisado toureiro de colhida certa, desviando dele o toiro com uma séria de passes de capote que, tendo começado por silenciar o público em emocionada expectação, lhe arrancou ao fim a mais estrondosa e vibrante e prolongada ovação da tarde: este rapaz, dobrando-se assim desembaraçadamente (e mesmo com elegância e em atitudes por vezes esculturais) com uma ferra de agudas hastes, que arremete furiosamente, jogando os braços à esquerda e à direita com precisão e firmeza de artista consagrado, enquanto o toiro passa muito cerca, demonstra não só valentia bastante apreciável, mas também não desconhecer já de todo o manejo da capa; está ali, talvez, o embrião de um futuro toureiro de nomeada, daqueles que arrebatam as praças e entram depois no «redondel» aos ombros dos aficionados, para receber, com os aplausos de todos, as flores e os sorrisos das mais lindas mulheres. Dura mais de uma hora o espectáculo, este espectáculo original e colorido, onde os espectadores são, ao mesmo tempo, na maioria, os principais actores: e há toiros que passam tranquilos, indiferentes à multidão, que não cessa de gritar e de acenar-lhes e incitá-los com tudo que consegue agarrar; há-os que apenas investem com os mais atrevidos, os que se lhes postam na frente, se acercam e os desafiam de muito próximo; há-os ainda a quem a multidão enraivece e investem espontânea e directamente com ela, de cabeça baixa, assoprando o chão, distribuindo «pancadaria» a «torto e a direito» e provocando por toda a vila correrias, sustos, gargalhadas e às vezes... alguma coisa que fazer aos médicos e à ambulância dos bombeiros voluntários. E há, sobretudo, sempre, em todos os lances e em todas as peripécias, alegria inexcédível, vibração, entusiasmo; é uma hora de emoção intensa, durante a qual o movimento e o colorido da «festa», enquadrando-se no aspecto típico da terra e sob um Sol esplendoroso, fazem de Vila Franca uma bela, uma pitoresca e original aguarela!

Hoje, não houve espera e nem sequer tourada, como já disse. O rio corre barrento e sombrio, a chuva inundou a Ribeira, o largo da Estação é um mar de lama peganhenta e escorregadia, as janelas estão fechadas; não há sorrisos e não há Sol.

Mas, mesmo assim, Vila Franca tem a sua beleza e o seu encanto: não perdeu o seu «quê» de aguarela, embora com outra feição, a despeito de ser outra a luz que a banha. Talvez isto seja apenas uma auto-sugestão em quem muito admira a terra e a sua gente, porque lá diz o velho ditado popular que «quem o feio ama, bonito lhe parece»; mas também e afinal, como dizia Croce — que não era a voz do povo e sim a das altas congeminções filosóficas —, onde está o belo, tanto na arte como na natureza, se o homem o não faz falar? E «cada cabeça, cada sentença», que é, neste caso, como quem diz: «cada homem, sua fala»...

A seguir: «UMA HORA EM SANTA MARIA DA VITÓRIA»!

VENDE-SE PROPRIEDADE

Uma fazenda, no sitio do Brejo, freguesia da Luz, que consta de alfarrobeiras, oliveiras, amendoeiras, figueiras e casas para dois inquilinos.

Quem pretender dirija-se a João Leandro ou a Benvida Martins, Largo da Nora—Tavira.

Vende-se, no sitio da igreja, na Conceição que se compõe de Horta e sequeiro, com diverso arvoredo e boa casa de moradia, junto à estrada nacional.

Quem pretender dirija-se a José António Vidal na mesma propriedade.

Batalha de Valeda Mata

Faz hoje 116 anos que se feriu a acção como tal designada, perto de Messines, em que o brigadeiro Tomás Cabreira venceu gloriosamente o barão de Sá da Bandeira, pelo que foi promovido, por distinção, a marechal de campo. Assim o prova António Cabreira, seu neto e representante, antigo vogal efectivo da Comissão de História Militar, do Ministério da Guerra, no livro comemorativo do centenário do herói e no artigo a sair, em Maio, na «Revista Militar», baseando-se em dados irrecusáveis, como o testemunho insuspeito do historiador Luz Soriano e o conceito estratégico do general Tiébaut.

El-Rei D. Miguel I ainda premiou o marechal de Campo Tomás Cabreira, agraciando-o com os títulos de conde de Lagos e de visconde de Vale da Mata.

A propósito do facto, a banda de música da Guarda Republicana abriu o seu penúltimo concerto com o «Hino do Marechal Tomás Cabreira», de Soeiro da Costa.

Já, pelo nobilíssimo espírito militar do saudoso e bravo general Farinha Beirão, comandante-general dessa corporação, forças de Infantaria e Cavalaria haviam prestado honras militares na celebração do referido centenário, em Faro, há 16 anos, na qual também colaborou, com vibrante e erudito discurso, o sr. capitão Leonel Vieira, actualmente brigadeiro e segundo comandante-general.

(A *Voiz*, de 22 de Abril de 1950)

A batalha feriu-se a 24 e não a 23 de Abril de 1834.

Na noite do referido aniversário, tangeu o sino secular e iluminou o Santuário onde figura o retrato do Marechal de Campo Tomás Cabreira entre as duzentas fotografias de Reis, Prelados, Titulares, Sábios, Artistas, Heróis e Políticos, que foram ancestrais, os consagraram, ou enalteciam a Obra de António Cabreira. Suave música sinfónica cantava, através da telefonia, «o perfume religioso e o calor do coração», assinalados naquele ambiente pelo preclaro Académico, Senhor Arcebispo de Milene.

A campanha pelo casamento das Telefonistas

É este o título do interessante opúsculo publicado pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Neste volume se concretiza o justo apoio dado pela liga a nobre causa que conseguiu triunfar.

Hoje, que já é um facto o casamento das telefonistas, vê-se quanto de útil a Liga Portuguesa de Profilaxia Social tem sido para as mulheres portuguesas.

A sua campanha, justamente fundamentada, mereceu o aplauso, não só da Imprensa, como das mais elevadas personalidades da nossa terra.

Negar o direito de matrimónio à mulher é o mesmo que sacrificá-la à sua mais nobre missão — a de ser mãe.

Bem haja, pois, quem em prol de tão nobre e justa causa, emvidou todo o seu esforço e inteligência.

Daqui endereçamos os nossos agradecimentos à Liga Portuguesa de Profilaxia Social pela oferta do precioso livro que acaba de publicar e sinceramente a felicitamos pelo sucesso alcançado a bem das mulheres e das mães de Portugal.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Saiu o fascículo n.º 245 da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, que continua a apresentar-se com o seu habitual interesse.

São muitos, importantes e de extrema variedade, os assuntos principais tratados neste belo fascículo, linda e profusamente ilustrado; assim, devem destacar-se os artigos Pérsia, Personalidade, Perito, Perseguição, Peritoneu, Permeabilidade, Perspectiva, Perspiração, Pernicioso, Pérmico, Pernambuco, Perpétuo, Persépoles, etc., etc., tratados por verdadeiras competências, mais ainda, verdadeiras notabilidades do nosso mais alto escalão intelectual, como os Professores Marques Guedes, Ferreira de Mira, Cirilo Soares, João Barreira, Cunha Gonçalves, Manuel Valadares, Torre de Assunção, Peres de Carvalho, Baeta Neves, João de Vasconcelos, os Doutores Afonso Zúquete, Celestino Gomes, Oliveira Guimarães, António Madeira, Alves Cruz, Pedro Godinho, Otero Ferreira, Simões Correia, António Sérgio, José Pedro Machado, Teixeira de Aguiar, Travassos Valdez, Júlio Gonçalves, Souto Teixeira, os Engenheiros Almeida Fernandes, Guilherme Rubim, Silva Domingues e Ribeiro de Almeida, Capitão Mimoso Serra, Eduardo Moreira, Cardoso Júnior, Gomes Monteiro, Maestro Lopes Graça, Alexandre Vieira, Machado Faria, Capitão Augusto Casimiro, Padre Miguel de Oliveira, Mota Júnior, etc., etc.

Duas lindas estampas em separado acompanham este soberbo número, bem interessante sob todos os aspectos.

Como se vê a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira oferece aos estudiosos como a eruditos uma colaboração escolhida entre as melhores figuras intelectuais e científicas do País, que firmam valiosos estudos acerca de inúmeros problemas e factos do mundo.

É hoje a única obra do seu género em língua portuguesa, com um êxito assegurado pelo mais vasto empreendi-

Os Paineis, chamados "de S. Vicente"

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

mente, do centro da composição até ao extremo direito, todas as figuras do fundo, envergam vestes talares, onde se notam altos dignitários da igreja, que devem simbolizar a fé, com que os descobrimentos foram preparados.

Creio, ter dito o suficiente, para justificar a minha opinião, de que se trata apenas de um políptico e não de dois trípticos.

De resto, no Museu Nacional de Arte Antiga, já se aceitou esta ordem de colocação, pois é a que têm ali, presentemente.

Vamos agora tratar da identificação dos personagens do primeiro plano do «Painel do Infante», em causa, e tão resumidamente, quanto nos permite, o pouco espaço de que dispomos.

A figura central está identificada, como sendo S. Vicente. Discordo.

Em minha opinião, esta figura é a Rainha D. Isabel, fadada e evocada pelas suas altas virtudes e sofrimentos.

Façamos um pouco de história. Por morte de D. Duarte, (1438), ficou seu filho D. Afonso V, que lhe sucedeu, apenas com seis anos de idade. Durante a sua menoridade, (1438 a 1446) a regência do reino ficou entregue a seu tio, Príncipe D. Pedro, Duque de Coimbra e filho de D. João I. Era um homem prudente, de viva inteligência, muito ilustrado e estudioso, a quem a sabedoria tornara realmente bom. A administração honesta e austera, exercida durante a sua regência, malquistou-o com os poderosos da Corte, cheios de esperanças na liberalidade e no carácter desigual do moço rei.

Em 1446, Afonso V completa a maioridade e casa com sua prima D. Isabel, filha do regente D. Pedro, mas deixa continuar seu tio com as rédeas do governo. Em 1447, D. Pedro desgostoso com as intrigas da Corte, pede a demissão. No entanto, os seus inimigos, entre os quais o seu irmão bastardo D. Afonso, Duque de Bragança, não cessaram de o perseguir. Ambiciosos e vulgares, incapazes de sentimentos generosos, apesar do Infante já ter feito entrega da regência, temiam-no ainda, e por isso continuavam a malquistá-lo no ânimo do sobrinho e genro.

D. Pedro em vão pedia ao seu irmão D. Henrique para interceder junto do sobrinho e desfazer as intrigas. D. Henrique não quis opor-se à perda do irmão.

Em 1449, o Duque de Bragança foi chamado à Corte por D. Afonso V e devia passar por terras pertencentes a D. Pedro. Este opôs-se e o Rei aconselhou-o a passar pela Covilhã, para evitar incidentes.

Por este motivo, Afonso V acusa D. Pedro de ambicioso e desleal e pretende submetê-lo pelas armas. D. Pedro, sabedor das intenções do sobrinho, pretende justificar-se e vem a caminho de Lisboa, dando-se o encontro em Alfaro, onde encontra a morte, bem como o seu leal amigo, o nobre Conde de Avranches, D. Alvaro Vaz de Almada.

Decorrem alguns anos. Entretanto, Afonso V é acusado de ter assassinado o tio e sogro, no encontro de Alfaro. Breve chega o arrependimento. Os remorsos do desastre que provocou, remordem-no na consciência, e levam-no a reabilitar o Infante, fazendo trasladar os seus ossos para o Mosteiro da Batalha. Mas não fica por aqui. Em 1455, sua esposa, a Rainha D. Isabel, cheia de desgostos, morre envenenada em Evora, contando apenas 23 anos, pouco depois de ter nascido o seu último filho.

É natural, pois, que D. Afonso

mento editorial de todos os tempos.

Os seus editores (Editorial Enciclopédia, Lda., Rua António Maria Cardoso, 33, Lisboa), no desinteressado intuito de divulgar esta obra já acessível, por suas condições de preço e assinatura, mantêm o seu excepcional sistema de pagamentos suaves, que permite a entrega da obra completa, em 20 volumes primorosamente encadernados, no acto de se liquidar a primeira prestação.

V, movido pelos remorsos que o punham, mandasse pintar uns painéis, e fizesse figurar a sua falecida esposa, em dois deles.

No primeiro — o do Infante —, está numa atitude de quem chega e mostra a Bíblia aberta às figuras da frente. No segundo — o do Arcebispo —, vai retirar-se, com a Bíblia já fechada, debaixo do braço esquerdo, envolvida num pano negro e a varinha do condão, ou mágica, na mão. Parece dar-nos a entender que vai operar o milagre do seu desaparecimento, subindo ao céu. A vara mágica, ou de condão, é atributo de fadas ou feiticeiros.

Na Idade-Média, era muito vulgar atribuir-se a rainhas e princesas, que reuniam certo número de predicados, o poder de fadas. Vejase, por exemplo, «Os Contos Tradicionais de Algarve» do padre Ataíde de Oliveira e os «Contos Tradicionais de Teófilo Braga» e outros. Todos nos apresentam rainhas e princesas fadas, e príncipes encantados, obrando prodígios e milagres.

Não me restam, pois, dúvidas, que a figura central dos painéis do «Infante» e o do «Arcebispo», é a Rainha D. Isabel, feita fada e com a cabeça aureolada por uma cercadura dourada, evocada para presidir a um acto de contrição. No primeiro, rodeiam-na toda a família real, e no segundo altos dignitários da Corte, todos de juelhos, em atitude de adoração.

Além destes argumentos, há outros ainda, que o meu senso íntimo aduz para não reconhecer na figura central dos painéis a imagem de S. Vicente. A expressão com que se nos apresenta é de mulher e não de homem. A linha do corpo, o oval do rosto, o desenho das sobrancelhas, o recorte do nariz, as mãos finas e esguias, o louro e ondeado cabelo, são motivos bastante eloquentes para reconhecer que se trata de uma mulher e não de um homem.

Mostrem os painéis, a pessoas que os desconheçam e ignorem tudo quanto se tem dito e escrito acerca deles, e perguntem-lhes se aquela figura é a de uma santa ou santo, e verão que todos lhes respondem que é uma santa. Nunca um santo.

A única razão que vejo, para dizerem que se trata de S. Vicente, é terem os painéis sido encontrados na Igreja de S. Vicente de Fora. Foram encontrados lá, mas não se deduz daqui que tivessem sido pintados para ali, em veneração ao Santo padroeiro de Lisboa. Nem isto se prova.

Além disto, todos os santos deste nome que tenho visto têm junto de si o corvo ou a caravela, ou ainda os dois atributos.

De propósito, fui há dias a Mafra, para verificar, na estatua da Basílica do grande Monumento, o S. Vicente que ali existe. Lá está uma bela estátua, com o corvo ao lado.

De resto, se se tratasse de S. Vicente, não haveria necessidade de o fazer figurar nos dois painéis, como figura. Para quê? Bastaria num.

Creio, que o certo parte, de se pretender dar um sentido religioso à realização da obra.

9 IV-1950.

Manuel dos Santos Cabanas

Pela Província

Santo Estêvão

Comemorou no passado dia 1.º de Maio o seu 22.º aniversário da sua fundação a Sociedade Recreativa, desta freguesia.

A sua Direcção, em homenagem a esse dia, realizou um grandioso baile, abrilhantado pelo exímio acordeonista sr. Joaquim de Jesus Pacheco, o qual foi bastante concorrido.

Vão iniciar-se em breve os ensaios do Rancho Folclórico da Casa do Povo desta freguesia, cujo ensaiador, sr. Ventura F. Marques, deseja incluir no repertório mais um número tipicamente regional, para que na próxima época possa satisfazer alguns convites que ultimamente lhe têm sido dirigidos.—C.

LIVROS E REVISTAS

Publicações Recebidas

«Lar»

É este o título da nova revista de modas femininas e bordados.

Temos presente o n.º 2, referente a Março, volume admiravelmente apresentado e com excelente secção literária.

É seu director e editor o sr. Almerindo Neves e a sua direcção literária está a cargo do Jornalista Sérgio Machado.

Felicitemos «Lar» pela sua excelente apresentação e auguramos-lhe muitas prosperidades.

«Voga»

Acabamos de receber o n.º 72, referente ao mês de Março, desta excelente revista.

Com interessantes secções, tais como modas, cinemas, etc. «Voga» impõe-se como uma das melhores revistas femininas da actualidade que se publicam entre nós.

A valorização da literatura policial

A leitura de ficção adquiriu nos últimos anos, com a publicação de bons romances policiais, o seu expoente máximo. Foi ultrapassada a época do romance folhetinesco, em que a urdidura de fraca concepção não só fornecia a banalidade dum história como ainda a escrevia mal.

Vindo à superfície dum mar de nomes desconhecidos, começam a aparecer os verdadeiros escritores que deram a todos os países a chamada literatura policial. Agatha Christie, Stanley Gardner, S. S. Van Dine, Ellery Queen, Dorothy Sayers, Dickson, Leslie Charteris, Dashiell Hammett, William Irish e tantos outros criaram à volta dos seus livros um público numeroso e atento.

A leitura policial que vinha apenas atraindo as camadas novas, passou a interessar todos os sectores da sociedade, graças à dignificação e ao conteúdo verdadeiramente novo que encerra. Os homens de estado, os médicos e engenheiros, os negociantes atarefados, citam o livro policial como leitura preferida, pois obriga a uma ocupação mental que afasta por momentos das preocupações de todas as horas. Entre a chamada classe média o facto repete-se de igual modo, e é frequente encontrar-se hoje, num barco, num eléctrico ou num comboio, quando se vai ou regressa do emprego, um sem número de gente, lendo o romance policial mais em voga. Encurtam-se as distâncias, distrai-se o cérebro, educa-se o espírito com novos problemas.

No nosso País, uma das colecções que maior sucesso obteve neste género, foi sem dúvida, a Colecção Vampiro. Houve a preocupação de se criar um género de literatura policial séria, houve o cuidado de seleccionar os melhores escritores de todo o mundo, houve ainda o bom gosto de se cuidar do aspecto gráfico cuja apresentação em nada é inferior à congénere americana «Pocket Books». Por tudo isso, a colecção alastrou por todo o território português, alcançando uma popularidade notória e uma tiragem «record» no nosso meio editorial. O romance policial começou, enfim, a ser lido pelo grande público.

Noticiam agora os mesmos editores que acabam de lançar o seu magazine mensal, onde serão recolhidos os melhores contos desta espécie de literatura. É um livrinho que se traz no bolso, que toda a gente pode ler e se lê em toda a parte.

O novo magazine deve ser posto à venda nas livrarias e papelarias desta localidade, encontrando-se aberto um serviço especial de assinaturas na casa editora, Livros do Brasil Lda., Rua Victor Gordon 29, em Lisboa.

O Livro das Raparigas

Antologia organizada por Mariália

«O Livro das Raparigas», magnífica antologia organizada por Mariália, pseudónimo de uma ilustre escritora, e editada pela Livraria Romano Torres, é destinado a fornecer às raparigas os melhores contos da vida. No seu prefácio destaca-se, como principal, o seguinte: «Seja franca, bondosa, compreensiva e meiga; seja noiva, esposa e amiga companheira; faça do seu lar um paraíso de bem estar e de boa disposição; nunca diga «não», quando pensa «sim»; procure aproveitar todo o tempo possível para viver feliz; saiba sorrir quando é necessário; interesse-se por tudo quanto seu marido faz, pensa e diz; proteja-o nas horas de má sorte; dê-lhe confiança nas horas de desalento; e saboreie a vitória gostosamente, com ele, nas horas de triunfos.» «O livro das Raparigas» insere colaboração valiosa de escritores consagrados.

Sumário dos principais assuntos do volume 14.º — Nós, as Raparigas; DE OLHOS POSTOS NA VIDAL — crónica de Mariália — O Baçar, uma novela de James Joyce — Esplendor e Morte das Palavras, por Giuseppe Fanciulle — Uma Florista, novela de Matilde Serao — História de um Poeta Fútil, conto de João Gaspar Simões — A Grande Aventura do Deserto, por Erico Veríssimo — A Boa Sorte, conto de Francis Bret Harte — A Mulher e o Amor, crónica de Beatriz Arnaut — A Rival de Brites de Almeida, por Camilo Castelo Branco — O Elogio da Mentira, por António Ferro — Vida de Arnaldo, por Benito Mussolini — Vida Social e Vida Doméstica, por M. A. Vaz de Carvalho — O que disse o Pai Natal, uma história de Rosita — Um Caso Emigmático, conto policial de Somerset Maugham — Falelei, por Robert Flaherty.

«O Livro das Raparigas» é uma obra que se recomenda a todas as senhoras apreciadoras de bons autores.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Teresa Estanislau Pires Faileiro e srs. Dr. Jaime Bento da Silva e António do Nascimento Teixeira.

Em 8 — Menino António Henrique de Almódovar Bernardo.

Em 9 — D. Maria Augusta Reis Gimezez e menina Maria Ermelinda dos Santos.

Em 10 — D. Edite Paulina Vieira.

Em 11 — Menina Maria Luisa Costa Luz e srs. Venceslau Damasceno dos Reis Ferro e Eurico Anastácio Peres Madeira.

Em 13 — D. Laura Centeno Castanho, D. Ermelinda de Jesus Costa Conceição e sr. Sebastião Trindade.

Partidas e Chegadas

Esteve nesta cidade a sr.ª D. Perpétua Nicolino, funcionária da Intendência Geral dos Abastecimentos, em Olhão, e nossa prezada assinante naquela vila.

— Foi à Capital, donde já regressou, o sr. Tenente José Joaquim Albino, Comandante da Secção da Guarda Fiscal, nesta cidade, e nosso prezado assinante.

— Com sua esposa, que se encontra melhor da grave doença de que foi acometida, seguiu para a sua casa, em Elvas, o nosso conterrâneo e assinante sr. Domingos José Soares, que já há algum tempo, conforme noticiámos, se encontrava em Faro.

Casamento

No passado dia 29 de Abril, realizou-se em Faro, na Sé Catedral, o enlace matrimonial do nosso prezado assinante sr. Humberto José Aleixo Ferreira, chefe da Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, com a sr.ª D. Isabel Maria Rocha Pinto, prezada filha do sr. Carlos José Pinto, inspector de seguros e da sr.ª D. Dulce dos Santos Rocha Pinto.

Paraninfirmar o acto, por parte da noiva, o sr. António Frazão e sua esposa; e, por parte do noivo, o sr. Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato, advogado em Faro, e sua esposa.

Aos conjugues, que fixaram residência nesta cidade, desejamos muitas felicidades.

Necrologia

No dia 26 de Abril findo, faleceu na sua residência, em Lisboa, o sr. Francisco Martins Jimenez, de 73 anos de idade, natural de Tavira, tesoureiro da Fazenda Pública, aposentado.

Era pai das sr.ªs D. Maria Castanho Jimenez Gomes, D. Fidelina Castanho Jimenez da Quinta, D. Gracinda, D. Francisca, D. Laura e D. Rosalina Castanho Jimenez.

O extinto era irmão do falecido professor do Liceu de Faro, sr. João Jimenez e cunhado do falecido juiz conselheiro e antigo ministro do Interior, Dr. Ribeiro Castanho.

O melhor e mais útil presente de noivado é uma máquina de coser

«OLIVA»

a já afamada marca portuguesa construída em Portugal, por artistas nacionais.

«OLIVA»

É a alegria da mulher e do lar. Lindos e modernos móveis. Vendas a pronto ou a prestações. Peça uma experiência ao agente nesta localidade

João Basílio Correia
Rua Almirante Reis — TAVIRA

BICHAS

Vende Aldemo José Caliço, Barbeiro—Tavira.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

ROENTGENDIAGNÓSTICO

TOMOGRAFIA

ELÉCTROTHERAPIA

Mudou o consultório para a

Rua Castilho, 37

TELEFONE 368 FARO

Revistas e Publicações

50 anos de Cinema. — Está publicado o tomo n.º 6 da «História maravilhosa da Arte das Imagens», dirigida por Fernando Fragoso e Faria da Fonseca, com escolhida colaboração, magnificamente ilustrada e que é uma edição «Aladino» — Rua D. João V, 6-2.º, em Lisboa.

Matrimónio Secreto. O n.º 36 da «Colecção Opera» dirigida pelo maestro Sampaio Ribeiro e editada por M. Calarão — Rua Augusto Gil, n.º 37, em Lisboa, é o «Matrimónio Secreto» de Cimarosa, ópera que, com o «Barbeiro de Sevilha» e as «Bodas de Fígaro», constitui a trilogia do género «buffo».



BRASIL

É essencialmente rápida a viagem pelos aviões da KLM para o Brasil, Uruguay e Argentina. Os potentes quadrimotores Douglas DC-6 que a KLM emprega na sua carreira bi-semanal para a América do Sul constituem o expoente máximo da técnica aeronáutica, oferecendo ao mesmo tempo grande segurança e comodidade aos passageiros. Sábios cozinheiros preparam as deliciosas refeições que durante a viagem lhes são servidas graciosamente. No ar e em terra os passageiros são tratados com todos os requintes de cortesia.

Na sua próxima ida à América do Sul experimente a KLM e não viajará mais de outra maneira. Partidas de Lisboa aos Domingos e Quintas-feiras, chegadas à América do Sul no dia imediato.

Para mais informações e marcação de lugares queiram dirigir-se às principais Agências de Viagens.

**PIANO**

Alemão, armado em ferro, em bom estado. Compra-se. Nesta Redacção se informa.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da Republica, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do soltador Carmo Peres

CALDEIRA

Para destilação. Em bom estado, própria para 12 medidas. Vende-se. Nesta Redacção se informa.

Oficina de Serralheiro

Com todos os pertences e um grande armazem anexo, próprio para garagem.

Casa com freguesia.

Vende-se: Tratar com José Joaquim dos Santos (José Ferreira), Largo do Trem—Tavira.

APYROL

As numerosas aplicações deste produto entre as quais se destacam:

Eficiência notável contra as queimaduras, cieiro, frieiras, furúnculos, dores nerválgicas e reumáticas, contusões, golpes e feridas, tornando-se indispensável para ser usado antes e depois de barbear.

O APYROL foi premiado com Medalha de Ouro na Exposição Industrial Portuguesa de 1933.

A venda em todas as farmácias e boas drograrias.

Fornecedores para o Algarve e Baixo Alentejo:

Empresa do Sul de Produtos Químicos — FARO

JOP**JOPINHAL**

Vinhos de mesa

Assinal o "Povo Algarvio"

MOTO BOMBAS

das reputadas marcas:

GORMAN RUPP

Midget 1 1/2" ... 16.000 1/h
Bantam 2" ... 25.000 1/h
Hacok 2" ... 38.000 1/h
Eagle 3" ... 35.000 1/h

ALCO

1 1/2 H. P. - 1. 1/2" - 14.000 1/h
2 1/2 H. P. - 2. 1/2" - 30.000 1/h

Milhares de bombas em serviço em Portugal.

Grande stock de todos os modelos para entrega imediata.

Agentes Exclusivos

H. VAULTIER & C.^A

Em toda a parte do IMPÉRIO PORTUGUÊS

EQUIPAMENTOS RÁDIO-TELFÓNICOS**DOLPHIN**

(INGLÊS)

Emissor-Receptor num conjunto compacto e oferecido a um preço bastante inferior a qualquer outro equipamento semelhante.

ROBUSTO E DE FACIL MANEJO

Assegura Comunicações Telefónicas regulares a grandes distâncias de BARCO para BARCO e de BARCO para TERRA

Próprios para: GALEÕES, TRINEIRAS, ARMAÇÕES, Etc.

Assistência Técnica gratuita durante um ano

Peça esclarecimentos e aprecie o material na

Rádio Reparadora do Sul
OLHÃO

Já V. Ex.^{as} provaram o vinho da marca **NAMORADO?**

Não esqueçam de o fazer, certamente passará a ser o Vosso vinho preferido.

DELICIOSO EM AROMA E PALADAR

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado.

"NAMORADO"

é a marca registada da firma J. A. Pacheco de Olhão — Avenida da República, 202.

A VENDA EM TODOS OS SEUS DEPOSITOS

Ao Público

Já viram a grande redução de preços que se está fazendo nas «Casemiras» e «Algodões», por motivo de balanço?

Aproveite e vá V. Ex.^a á

Competidora Neves

onde se estão a saldar muitos optimos artigos, para dar entrada a novas fazendas.

Não deixem os Ex.^{mos} fregueses e amigos de fazer uma visita a este estabelecimento para ver e crer.

A VISTA FAZ FÉ

Ide á **COMPETIDORA** de José Augusto Neves, Praça da República, 28 e 29 - Tavira

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viérgines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira

Empresa de Publicidade Algarve, L.^{da}

«Tipografia Povo Algarvio»

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

TELEFONE 127

Executa com a máxima perfeição

TODOS OS TRABALHOS TIPOGRAFICOS

A PREÇOS MÓDICOS

Fábrica de Carimbos

Aceitam-se encomendas para qualquer parte

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Fariinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13